



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

JEANE SANTOS GAVAZZA

**AS PALAVRAS, AS PALAVRINHAS E OS PALAVRÕES NA
OBRA DE ANA MARIA MACHADO**

Salvador
2009

JEANE SANTOS GAVAZZA

**AS PALAVRAS, AS PALAVRINHAS E OS PALAVRÕES NA
OBRA DE ANA MARIA MACHADO**

Monografia apresentada ao Colegiado do curso de Graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia, sob orientação da Professora Dr^a Lícia Maria Freire Beltrão, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Salvador
2009

JEANE SANTOS GAVAZZA

AS PALAVRAS, AS PALAVRINHAS E OS PALAVRÕES NA OBRA DE ANA MARIA MACHADO

Monografia apresentada ao Colegiado de Pedagogia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Graduada em Pedagogia, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Banca Examinadora

Profª Lícia Maria Freire Beltrão - Orientadora

Profª Luciene Souza Santos

Prof Luiz Felipe Santos Perret Serpa

Salvador, 15 de dezembro de 2009.

A Deus, que me iluminou e me deu forças para continuar;
à minha mãe e a meu pai, sempre dedicados na educação dos filhos;
a meus irmãos, Ludmila e Júnior, pelo companheirismo;
a Rodrigo, pela dedicação e amizade;
a meus amigos (as) que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação
pessoal;
à minha família de sangue e à minha família de coração;
à professora Lícia Beltrão, por fazer parte da minha formação, atuando de forma
particular e especial;
à professora Luciene Santos e ao professor Felipe Serpa, por fazerem parte da
avaliação final das atividades do curso de Pedagogia,

Agradeço.

Certa palavra dorme na sombra
De um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
A senha do mundo.
Vou procurá-la.
Vou procurá-la a vida inteira
No mundo todo.
Se tardar o encontro, se não a encontro,
Não desanimo,
Procuro sempre.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo responder questões pessoais minhas e fornecer a leitores, principalmente professores e futuros professores, conhecimentos sobre aspectos semânticos da literatura infantil, representada pela obra de Ana Maria Machado. Para tanto, tomei a leitura como procedimento principal da pesquisa que tem caráter tanto bibliográfico quanto prático. Do ponto de vista bibliográfico, percorro as teorias da palavra, o estudo da linguagem que produz a literatura infantil e a semântica, até chegar à linguagem nas obras de Ana Maria Machado, análise das obras da autora e, por fim, a contribuição desses estudos para a educação. Todo esse percurso foi embasado por autores como Eni Orlandi, Michel Bréal, Bakhtin, Beth Brait, Ana Maria Machado, Nelly Novaes Coelho, Marisa Lajolo, Domício Proença Filho, Edgar Morin, Maria José Palo, Maria Rosa D. Oliveira e outros, que foram necessários para a constituição dos capítulos que compõem a monografia. Do ponto de vista prático, é feita análise de três livros da obra de Ana Maria Machado, intencionalmente escolhidos: Camilão, o comilão, Beto, o carneiro e Dorotéia, a centopeia. Na continuidade, debato sobre a contribuição desses estudos para a educação. Os resultados mostraram que Ana Maria Machado escreve uma literatura infantil que considera a “língua brasileira, com sua flexibilidade, sua variedade, seu ritmo e sua dança, sua ginga inventiva, seu jogo de cintura, sua irrelevância” e que esse modo de escrever pode favorecer a educação das crianças que forem suas leitoras.

Palavras - chave: Literatura Infantil, palavra, semântica, linguagem, Ana Maria Machado.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. DA VIDA ESCOLAR À MOTIVAÇÃO PELA PESQUISA..... | 8 |
| 2. LINGUAGEM E SEMÂNTICA..... | 17 |
| 2.1 LINGUAGEM - A PALAVRA – “PARA MIM BAKHTIN BASTA!” | 17 |
| 2.2 A SEMÂNTICA..... | 22 |
| 3. A LINGUAGEM COM QUE SE PRODUZ A LITERATURA..... | 25 |
| 4. ANA MARIA MACHADO: UMA INVENTORA DE HISTÓRIAS..... | 28 |
| 5. AS PALAVRAS E AS PALAVRINHAS EM TRÊS HISTÓRIAS DE ANA MARIA MACHADO..... | 34 |
| 5.1 CAMILÃO, O COMILÃO..... | 34 |
| 5.1.1 O início e o final da história..... | 36 |
| 5.2 DOROTÉIA, A CENTOPEIA..... | 37 |
| 5.2.1 O ambiente..... | 39 |
| 5.3 BETO, O CARNEIRO..... | 41 |
| 5.3.1 O personagem..... | 44 |
| 6. AS PALAVRAS, AS PALAVRINHAS, OS PALAVRÕES E A EDUCAÇÃO..... | 46 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS: EI, PALAVRA! NÃO VÁ EMBORA! VOLTE PRO POEMA. | 50 |
| REFERÊNCIAS | 53 |

1. DA VIDA ESCOLAR À MOTIVAÇÃO PELA PESQUISA

Durante a minha formação, em Pedagogia, sempre me remeti a situações da vida escolar, buscando exemplos vividos na prática para refletir algumas questões e modificar a minha práxis, enquanto educadora. Meu maior questionamento estava relacionado com a leitura, que sempre me inquietava devido à forma como os livros de literatura eram disponibilizados para a leitura na escola.

O meu acesso a livros de literatura infantil era vasto, afinal estudava em uma escola que possuía um rico acervo. Recordo-me das histórias de “A Formiguinha e a Neve”¹, do “Jeca, o Tatu”², do super colorido de “Bom dia todas as cores”³, as histórias de “Raul da Ferrugem Azul”⁴. Enfim, alguns livros de literatura infantil fizeram parte da minha vida escolar, porém sempre me restringia à necessidade de responder estudos dirigidos, atividades propostas pela professora e de alguns eram lidos apenas fragmentos encontrados no livro didático.

E foi assim durante todo o período escolar. Nunca me permiti ler livros, livre.

Lembro da ruptura, quando minha mãe apareceu com o livro “Meu pé de laranja lima”⁵. Foi o primeiro livro que li, livremente, e minha imaginação não teve limites. Quanto mais eu lia, mais queria ler. Sonhava com os personagens. Foi quando me dei conta de que a leitura, que não era de literatura infantil, tinha outros objetivos mais importantes. Retomei as leituras passadas, dos livros infantis e, enfim, percebi a literatura em sua forma completa.

Quando ingressei na Uneb, onde eu estudava Pedagogia com habilitação em Educação Infantil, lembro da primeira aula, da disciplina Produção e Interpretação de textos. A professora nos apresentou um artigo do livro “A importância do ato de ler” de Paulo Freire. Começaram, então, os meus questionamentos, enquanto educadora em formação, sobre a leitura. Paulo Freire faz uma importante colocação sobre a importância do ato de ler, quando diz:

¹ Obra clássica da literatura universal adaptada por João de Barro, o Braguinha. Foi editado pela Editora Moderna em 1997.

² Obra de Ana Maria Machado, editado, em 1993, pela Salamandra. Faz parte da Coleção Batutinha.

³ Escrito por Ruth Rocha, faz parte da coleção Hora dos sonhos editado pela Quinteto Editorial. Sua 3ª edição ocorreu em 1998.

⁴ Autoria de Ana Maria Machado. Foi editado em 1980. Ganhou o selo de ouro, como melhor livro infantil, pela Fundação Nacional do livro Infantil e Juvenil.

⁵ Romance juvenil de José Mauro de Vasconcellos publicado em 1968. É um dos campeões em adaptações para cinema e televisão.

Me parece indispensável, ao falar de tal importância, dizer algo do momento mesmo em que me preparava para aqui estar hoje; dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. (FREIRE, 2006, p. 11)

Nesse primeiro debate sobre a leitura, algumas questões começaram a ser esclarecidas. Ao falar que o ato de ler não se esgota apenas na decodificação da palavra, lembrei das situações de interpretação de texto, que muitas vezes eram restringidas ao significado da palavra e que hoje percebo a importância de considerar outros aspectos, que são subjetivos a cada leitor.

Cada leitura, de acordo com Orlandi (2000), possui a sua história e é produzida em determinadas condições. Para ela, a escola pode modificar as condições de produzir a leitura pelos alunos, que deverão ser construtores de sua própria história de leitura, resgatando a história de sentido do texto. Nessa perspectiva, corroboro com as idéias de Orlandi, acreditando que no processo de compreensão do texto, o indivíduo compartilha com suas experiências já vividas.

Ciente dessa concepção de leitura que me chegava através de Orlandi e se constituía nova para mim, naquela circunstância, eu passava por um processo de mudança na prática de leitura, convicta de que a compreensão de textos podia ser diferente daquelas do meu período escolar. A partir de então, me perguntava como seria a minha relação com os livros de literatura infantil em sala de aula. A única certeza que eu tinha era de que os meus alunos precisavam ter uma leitura prazerosa, livre, pois a imaginação de uma criança, e de um adulto, também, não tem limites.

Nesse intervalo de tempo, a minha vida acadêmica tomou outro rumo: passei no vestibular para a UFBA e fui estudar Pedagogia na Faculdade de Educação. O meu objetivo com a leitura continuava, mas tinha a necessidade de me apropriar mais dos livros de literatura infantil. Isso, porém, só foi concretizado, no meu quinto semestre, na disciplina “Oficina de Literatura: porque ler...”. Estava muito ansiosa pelo início das aulas, pois só restavam três semestres para me formar, e eu precisava viver a literatura.

A disciplina foi surpreendente, quer dizer, a professora foi surpreendente. E foi com as Reinações de Narizinho que me envolvi no sentido dos estudos da literatura. Esse período foi muito bom, porém um acontecimento me impediu de continuar com a mesma vontade de mergulhar no reino das águas claras: um dos mais importantes educadores da minha vida, meu pai, se foi... Enquanto eu vivia o luto, recebi um presente. Muito curioso, confesso. A professora Lícia havia recebido da boneca Emília uma caixa, pequenina, e fez chegar até mim por uma amiga. Dentro dessa caixa tinha algumas pílulas. Pílulas? Sim. Pílulas falantes da Emília⁶. Muito curiosa, antes de ingeri-las, abri para saber se era fruto de algum pó de pir-lim-pim-pim para melhorar meu ânimo. Não, não era. No lugar do pó, havia um papel. Nele, estava escrito assim: “Tendo claro o porquê, quebre as barreiras e leia Ana Maria Machado”.

Incrível. E eu me perguntava... O que Emília quer com essa frase? Não seria possível ela saber sobre a minha história com a literatura, pois nunca tinha comentado com alguém. O que ela quis dizer com “quebre as barreiras”? Então percebi que era um recado. Precisava voltar ao Sítio do Pica Pau Amarelo⁷. Muita literatura me esperava por lá. Voltei aos estudos e não parei mais. Enfim, a literatura tomou conta de meus dias.

Recordo-me, com carinho, as oficinas que realizamos. Realizamos oficinas para conhecer melhor as histórias e autores. Realizamos oficinas para aprimorar a leitura na contação de histórias. Dentre tantas, algumas marcaram a minha vida, como professora e também como pessoa. No início era tudo novo, cada aula, era uma descoberta diferente. Lembro no dia que a professora Lícia resolveu fazer uma prática para aprimoramento da dicção, da entonação e ritmo na leitura. Ela escolheu o “Trem de ferro”, de Manuel Bandeira e musicado por Tom Jobim. Outro momento inesquecível foi nosso encontro com a contadora de história, Regina Campana, no Espaço Ler, situado no Colégio São Paulo.

Foi uma manhã de descobertas e encantamentos. Músicas, leituras, literatura, tudo em um lugar fantástico, encantador. Quanto mais eu lia, mais queria desfrutar daqueles materiais e, principalmente, da contadora de histórias. Lá revi as

⁶ Sobre as pílulas falantes, ler No Reino das Águas Claras de Monteiro Lobato.

⁷ O mote da Oficina era: Viver no Reino das Águas Claras e no Sítio do Pica Pau Amarelo.

parlendas, saboreei poemas, poesias e histórias que me recordavam a infância. Foi um aprendizado singular!

Nesse período, a vontade de aprofundar o conhecimento na área de literatura era grande. Foi quando procurei a professora Lícia que me convidou para observar um grupo de orientandas que tinham como tema de monografia a literatura infantil. Nesse dia, encontrei as alunas, Iomar Alcântara e Alessandra Oliveira, que estudavam as meninas e os meninos em alguns livros de Ana Maria Machado. Então, resolvi agregar os meus estudos sobre a literatura ao estudo das meninas e passei a buscar materiais para que eu pudesse conhecer mais a linguagem da literatura infantil.

O grupo de estudos tinha um eixo principal: as obras de Ana Maria Machado, e os eixos de estudo seriam: os meninos, as meninas e a semântica nos livros de literatura infantil da autora. E, por que ler Ana Maria Machado? Copio Beltrão, intérprete da vontade de Ana Maria Machado, assim traduzida:

Com a vontade consciente de domar as palavras, com a clareza de que a nitidez dos conceitos não deve se esconder atrás da obscuridade dos termos e que o intelectual não pode virar as costas à democratização do debate e à popularização do conhecimento, Ana Maria vem construindo a sua obra. (BELTRÃO, 2006, p. 304)

A minha motivação pelo estudo da semântica nos livros de literatura, particularmente dos livros de Ana Maria, é importante para o esclarecimento de inquietações sobre a palavra, a linguagem e por consequência sobre a compreensão de textos literários. E a relevância desse estudo para a educação está na frase que ouvi da professora Lícia: “O debate sobre o que fazer da e com a literatura não é função da literatura em si, e, sim, da Pedagogia”. A linguagem, neste caso relacionada à literatura infantil, “produtos e origem na práxis social numa concepção dialógica, assim como uma visão de mundo, construída pela linguagem, que seja pluralista, polissêmica e polifônica” (BAKHTIN, 1999 apud BELTRÃO, 2003), tem a perspectiva de uma formação integral para o educando.

Nessa perspectiva também, cito as concepções de Coelho (1997), para fortalecer o meu argumento sobre a semântica na literatura:

Literatura é um fenômeno de linguagem plasmado por uma experiência vital/ cultural direta ou indiretamente ligada a determinado contexto social e à determinada tradição histórica.

Literatura é arte e, como tal, as relações de aprendizagem e vivência, que se estabelecem entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que este alcance sua formação integral (sua consciência do eu + o outro + mundo, em harmonia dinâmica). (COELHO, 1997, p. 8)

Esse conceito de Literatura surgiu em meio a uma necessidade, quem sabe, de mudança na mentalidade do ser humano. Segundo Coelho (1997):

(...) pode-se afirmar que a literatura é a mais importante das artes, pois sua matéria é a palavra (o pensamento, as idéias, a imaginação), exatamente aquilo que distingue ou define a especificidade do humano. Além disso, sua eficácia como instrumento de formação do ser está diretamente ligada a uma das atividades básicas do indivíduo em sociedade: a leitura. (COELHO, 1997, p. 8)

Ainda sobre a concepção de literatura, copio de Machado (1999) que trata:

No caso da literatura infantil, porém, referimo-nos àquela que pode ser lida por crianças, o que aumenta o campo semântico coberto pelo substantivo literatura, que normalmente não inclui a noção de que abarca obras no alcance de leitores mais jovens. Nada tem a ver com livros para crianças. Tem a ver com literatura, arte da palavra, beleza, ambigüidade, polissemia, qualidade de texto, aquilo que Roman Jakobson chamou de a função poética da linguagem. (MACHADO, 1999, p. 13)

A colocação posta por Ana Maria Machado reforça a ideia de uma literatura que contemple aspectos que são particulares do indivíduo. Machado (2004 apud RAMOS, 2006, p. 127) confirma essa posição, ao relatar sobre a leitura de um livro, e, para ela:

[...] ao ser lido, um livro deixa de ser apenas do autor que o escreveu e passa a ser também propriedade do leitor, é apropriado por quem o lê, começa a fazer parte do imaginário de outra pessoa, de sua memória, de sua bagagem cultural pessoal. Ao serem publicados (dados ao público) e lidos, os livros deixam de pertencer exclusivamente ao autor e são reapropriados pelos outros.

Com essa reapropriação, a literatura fortalece o conceito de semântica, considerando aspectos que são inerentes ao leitor. Nessa perspectiva, o presente estudo monográfico, utilizará as obras, Camilão, o comilão, Beto, o carneiro e Dorotéia, a centopeia, já citadas anteriormente, para promover o debate sobre os estudos da linguagem no âmbito da literatura infantil.

Para a concretização da pesquisa utilizarei dois percursos metodológicos que caracterizarão o estudo monográfico: o de revisão bibliográfica, elaborado a partir de materiais já publicados, constituídos principalmente de livros, artigos periódicos e materiais disponíveis em portais de teses, como o da Capes e Scielo; e o estudo de corpus, que consiste na análise minuciosa da semântica em três obras literárias de Ana Maria Machado (Camilão, o comilão; Dorotéia, a centopeia e Beto, o carneiro).

Os livros, Camilão, o comilão; Dorotéia, a centopeia e Beto, o carneiro, foram escolhidos de forma intencional, considerando a composição dos títulos das obras que se constituem um jogo linguístico. No título Camilão, o comilão percebe-se uma personificação através da expressão “o comilão” que atribui ao animal características de ações próprias de seres humanos; Em Dorotéia, a centopeia e Beto, o carneiro há uma ênfase na espécie dos animais. Além disso, foi pesquisado em um catálogo da editora Moderna que as especificam como indicadas para o Ensino Fundamental. Entretanto, esse aspecto não foi imprescindível para a escolha, pois não sou condescendente com a indicação de livros para determinada faixa etária.

No livro Camilão, o comilão foi estudado o início e o final da história. Em Dorotéia, a centopeia o estudo semântico foi focado no ambiente em que o personagem vivia. Já em Beto, o carneiro a semântica foi estudada no âmbito de caracterização do personagem.

Além dos livros analisados, li outras histórias da autora. Um dele me inspirou para atribuir o título ao estudo monográfico. As palavras, as palavrinhas e os palavrões na obra de Ana Maria Machado, alude ao livro Palavras, palavrinha e palavrões da autora.

A pesquisa tem um caráter qualitativo, uma vez que foram feitas atribuições de sentidos aos conceitos estudados que serviram para a compreensão dos

fenômenos observados. A escolha foi decorrente da grande cobertura de materiais para a fundamentação teórica do trabalho. Foram estudados diferentes conceitos, e a revisão bibliográfica permitiu a compreensão dos conceitos e assim a realização de um paralelo entre eles.

O acervo foi composto por livros, do acervo pessoal da professora Lícia, do GELING, da biblioteca Central da UFBA e da FACED, de autores que escrevem sobre literatura, linguagem e semântica. Dentre eles estão: Marisa Lajolo; Nelly Novaes Coelho; Ana Maria Machado, Mikhail Bakhtin, Michel Bréal, Edgar Morin, Eni Orlandi, Domício Proença Filho, Marisa Lajolo, Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira e contando ainda com os diálogos realizados entre a professora Lícia Beltrão e alguns desses autores. Além disso, serão utilizadas as monografias das pedagogas Alessandra Oliveira, Iomar Alcântara⁸, que compuseram o grupo de estudo sobre os meninos e as meninas nas obras de Ana Maria Machado e o pertinente diálogo, com Tássia Spínola, que ora estuda o enredo em alguns livros de Ana Maria, será considerado.

A análise teórica dos textos foi realizada numa perspectiva polissêmica, considerando ainda a intertextualidade presente nos textos. Segundo Orlandi (2001), o texto não resulta da soma de frases, nem da soma de interlocutores. Para ela, o sentido (ou sentidos) de um texto é dado pelas relações existentes entre o interlocutor e o social. Além disso, existe a relação entre textos, o que chama de intertextualidade.

Considerar esse aspecto em uma leitura é para Orlandi (2001) refletir (e tornar operacional) sobre o fato de que o(s) sentido(s) de um texto passa(m) pela relação entre outros textos. Além dessa relação existente entre os textos, deve-se considerar também a importância da relação do texto com as experiências do leitor tanto em relação à linguagem como em relação ao seu conhecimento de mundo, sua ideologia.

Na compreensão teórica das narrativas infantis de Ana Maria Machado, corroboro com Oliveira (2009) na hipótese:

⁸ Alessandra Oliveira escreveu sobre os meninos cujo título é Ana Maria Machado: os meninos que moram em suas histórias. Iomar Alcântara escreveu sobre as meninas cujo título é Ana Maria Machado: as meninas que moram em suas histórias.

A compreensão global das narrativas infantis só é possível se, ao processo de decodificação textual, aliar-se ao processo inferencial, de modo que o leitor possa, com base no *input* textual, construir hipótese que levarão à compreensão. (OLIVEIRA, 2009, p. 14)

Oliveira (2009) ainda considera que a compreensão e interpretação textual assumem funções diferenciadas. Para ela, na interpretação o leitor tem o papel de atribuir referências metafóricas aos elementos textuais, característica de uma leitura literária. Já a compreensão é referente ao entendimento das relações entre idéias de um texto de modo a construir uma representação condizente com aquilo que ele vincula, unindo significado implícito e explícito, por meio de interferências objetivas. Nesse sentido, é ratificado com a colocação de Orlandi (2009) sobre a leitura.

Para a catalogação das informações retiradas dos textos lidos foi realizada a técnica de fichamento dos principais livros e artigos dos autores já mencionados. Após essa realização, foram fichados artigos e teses, pesquisados em portais, para um futuro confronto entre o que foi selecionado. Em seguida, as fichas foram separadas por categorias para que fosse realizada uma análise dos conceitos envolvidos na pesquisa.

Depois de realizada a separação da fichas, aconteceu uma análise dos conteúdos estudados, considerando-se prováveis divergências e convergências, que foram encontradas no estudo.

Para o estudo das obras literárias de Ana Maria Machado, foram compreendidos os conceitos de semântica. A linguagem verbal contida no texto foi analisada numa perspectiva pluralista, polissêmica, parafrástica e polifônica, considerando a intertextualidade (elementos implícitos e explícitos). Vale ressaltar que a análise não se esgota nesse estudo, uma vez que a palavra pode assumir diferentes sentidos para diferentes leitores.

Para Ana Maria Machado, a escrita das suas obras literárias apresenta um vocabulário simples e transparente, justamente para que sejam possíveis maiores atribuições de sentidos, além de poder ser compreendidas pelos indivíduos de forma indiscriminada. Como Machado (1996) relata:

[...] a clareza de conceitos não deve se esconder atrás da obscuridade dos termos. Nada obriga a que a exatidão de uma análise se expresse por meio de um jargão intransponível. Quando isso acontece é preocupante. Pode ser sinal de que o intelectual vira as costas à democratização do debate e à popularização do conhecimento, preferindo se dirigir apenas ao reduzido grupo que compreende suas palavras, escolhendo falar somente com seus colegas e deixando de fora a maior parte da população. (MACHADO, 1996, p. 52)

Entretanto, Machado deixa claro que escrever de modo que todos possam partilhar da leitura, não é escrever sem respeitar as regras gramaticais, apenas, escrever com um vocabulário acessível a todos. O rebuscamento imposto pelas normas gramaticais pode ser repensado em busca de uma produção que considere a variedade linguística, o coloquialismo, enfim, a particularidade existente em cada lugar.

Encerro este capítulo com uma citação de Ana Maria Machado que se articula com as questões aqui colocadas:

[...] Quero a língua brasileira, com sua flexibilidade, sua variedade, seu ritmo e sua dança, sua gíngua inventiva, seu jogo de cintura, sua irrelevância. (MACHADO, 1996,p.54)

2. LINGUAGEM E SEMÂNTICA

Em suma, trata-se de buscar uma linguagem brasileira e acessível, oralizante quando for o caso, mas ao mesmo tempo correta e exata, sem barateamento nem empobrecimento, sem medo de recorrer ao inesgotável manancial léxico e sintático que nos deixaram os autores portugueses e brasileiros de tantos séculos de uma riquíssima literatura. Um grande desafio consciente (MACHADO, 1996, p. 55)

O presente capítulo apresenta um construto teórico que embasará a análise do terceiro capítulo que tratará da linguagem que se produz na literatura. Nesse capítulo, a teoria da Linguagem, na qual a palavra verbal escrita será a anfitriã, juntamente com a teoria da Semântica serão indispensáveis para a discussão da linguagem que é produzida na Literatura e, posteriormente, para o estudo dos três livros de literatura infantil de Ana Maria Machado, selecionados.

2.1 LINGUAGEM - A PALAVRA – “PARA MIM BAKHTIN BASTA!”

A citação, com a qual inicio o segundo capítulo, revela a pretensão de Ana Maria Machado com o uso da palavra. A linguagem brasileira é, para a autora, um inesgotável manancial de palavras que, combinadas, dão o sentido à frase; é considerada como um patrimônio vocabular de uma comunidade linguística através de sua história.

- Palavras! Ô palavras, acordem! Quero conversar com vocês. (COSTA, 1998, p. 21)

Para estudar mais especificamente a linguagem e a palavra, tomo como base o intelectual russo Mikhail Bakhtin, que desenvolve uma concepção a partir da crítica às grandes teorias contemporâneas. Bakhtin será importante para o estudo, na perspectiva dessa monografia, uma vez que o autor tem, segundo Brait (2005), uma visão de mundo que busca as formas de construção e instauração do sentido de linguagem que resvale pela abordagem linguístico discursiva, pela teoria da literatura... por um conjunto de dimensões entretecidas e ainda não inteiramente decifradas.

As concepções de linguagem bakhtinianas são agrupadas em dois grandes grupos: a o objetivismo abstrato, contra as idéias de Saussure e a do subjetivismo Idealista, representado pelo pensamento de Humboldt.

A língua é, para Saussure (1969, apud CARVALHO), um fato social. Esse, por sua vez, é considerado como representação coletiva (exterior ao indivíduo), dotada de um poder de coerção em virtude do qual os fatos sociais se impõem ao indivíduo. E têm por substrato e suporte a consciência coletiva. Nesse panorama, Saussure considera a língua como um produto social que exclui o processo de produção, a historicidade e o sujeito. A língua assume um caráter arbitrário, uma vez que é uma imposição de fatos sociais ao indivíduo, relevando qualquer influência histórica e social, que são dicotomizadas.

Para Jobim e Souza (1994), referindo-se às idéias de Bakhtin, o objetivismo abstrato de Saussure considera que o fator normativo e estável prevalece sobre o caráter mutável da língua e, portanto, esta é vista como um produto acabado, transmitido através das gerações.

O subjetivismo idealista considera que a linguagem acontece a partir de uma criação individual. A linguística seria uma ciência da expressão e suas leis seriam as da psicologia individual (BAKHTIN, 1981 apud JOBIM E SOUZA, 1994). Neste caso, o aspecto interior de cada indivíduo seria priorizado e prevalecia o “lado subjetivo da criação significativa”.

Para Bakhtin (1981), a linguagem deve ser constituída a partir da interação com os conteúdos ideológicos ou vivenciais. Ainda considera que existem modos muitos diferentes de falar e muitas linguagens que expressam a diversidade de vivências sociais.

Bakhtin (1981) completa, ao relatar que a língua não é inseparável da comunicação verbal, e, portanto, não é transmitida como um produto acabado, mas como algo que é constituído continuamente no decorrer da comunicação verbal.

Os indivíduos não recebem língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nesse corrente é que sua consciência desperta e começa a operar... os sujeitos não “adquirem a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência (BAKHTIN, 1981 apud JOBIM E SOUZA, 1994 p. 108)

Ainda considera que a interação verbal tem um caráter dialógico, que é visto pelo autor como ininterrupto. Em uma interação, a palavra é para Beltrão (2003), tomando os estudos bakhtinianos como referência, o produto da relação recíproca entre, falante e ouvinte, emissor e receptor.

Como cita Beltrão (2003, p. 165) [...] cada palavra expressa o um em relação com o outro. O Eu se constrói constituindo o Eu do outro e por ele é constituído.

Nesse sentido, o domínio da palavra é concretizado a partir do domínio da palavra interior, chamado por Bakhtin de minha palavra, com o domínio da palavra exterior, a palavra do outro, que acontece de forma desordenada no tempo e espaço.

Segundo Jobim e Souza (1994), a palavra se concretiza, como signo ideológico, no fluir da interação verbal, podendo assumir diferentes significados de acordo com o contexto que ela se insere. Cada sociedade tem um repertório de discurso que explica ou se confronta com os valores sociais. Ou seja, o manancial de palavras adquiridos em um determinado tempo por um determinado grupo social são reflexos ou refratam o cotidiano do povo. Copio de Bakhtin (1995):

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN, 1995, p. 36)

Sobre a palavra, tomo as palavras de Falcão (2003):

Os poetas classificam as palavras pela alma, porque gostam de brincar com elas, e para brincar com elas é preciso ter intimidade primeiro. É a alma da palavra que define, explica ofende ou elogia, que se coloca entre o significante e o significado pra dizer o que quer, pra dar sentimento às coisas, pra fazer sentido. (FALCÃO, 2003, p. 97)

A palavra, para Bakhtin, pode assumir três aspectos diferentes que expressam um caráter polifônico e que se interrelacionam na comunicação verbal. Sobre isso relata o autor:

Os significados neutros (de dicionário) das palavras da língua asseguram seu caráter e a intercompreensão de todos os que a falam, porém, o uso das palavras na comunicação discursiva sempre depende de um contexto particular. Por isso se pode dizer que qualquer palavra existe para o falante em seus três aspectos: como palavra neutra da língua, que não pertence a nada; como palavra alheia, cheia de ecos, dos enunciados de outros, que pertence a outras pessoas; e finalmente, como minha palavra, porque, posto que eu a uso em uma situação determinada e com uma intenção discursiva determinada, a palavra está compenetrada de minha expressividade. (BAKHTIN, 1997, p. 278)

- Claro! Entre uma palavra e o que ela quer dizer existe tanta diferença! O mundo é cheio de surpresas, de acasos e outros inesperados. (AZEVEDO, 1993, p. 9)

Tomando como base o conceito posto para a palavra, de acordo com Bakhtin, dialogo com Cereja (2005) para conceituar a significação e o sentido. Segundo Cereja (2005, p. 201), a significação é um dos problemas mais complexos da linguística. Para ele há uma grande preocupação dos autores em lidar com questões de sentido de forma mais ampla. O autor ainda relata que se deve pensar não apenas os sentidos dos signos, mas do signo ideológico; pensar o signo não apenas no domínio da língua, mas também no domínio do discurso e, portanto, da vida.

Cereja (2005) dialogando com as idéias bakhtinianas, ainda relata que:

A significação é um estágio inferior da capacidade de significar (...) A significação existe como capacidade potencial de construir sentido, própria dos signos lingüísticos e das formas gramaticais da língua. É o sentido que esses elementos historicamente assumem, em virtude de seus usos reiterados. É, portanto, um estágio mais estável dos signos e dos enunciados, já que seus elementos, como fruto de uma convenção, podem ser utilizados em diferentes enunciações com as mesmas indicações de sentido. (CEREJA, 2005, p. 202)

O autor ressalta que a significação é responsável pela construção do sentido, relevando os signos e as formas gramaticais. O significado é o que a palavra expressa no âmbito de palavra neutra, a que é encontrada no dicionário. Já o sentido é expresso por cada individuo que relaciona a palavra com situações, pensamentos, crenças pessoais. Para Falcão (2003, p. 97) [...] é a alma da palavra que define, explica, ofende ou elogia, que se coloca entre o significante e o significado pra dizer o que quer, pra dar sentimento às coisas, pra fazer sentido.

Exemplifico com Falcão (2003):

Existem palavras frias como mármore. Existem palavras quentes como sangue. Existem palavras mangue, caranguejo. Existem palavras lusas, Alentejo. Existem palavra itálicas, ciao. Existem palavras mágicas, Shazam, abracadabra, pirlimpimpim, sim e não. (FALCÃO, 2003, p. 99)

Para Melo e Brait (2005), o enunciado é concebido como uma unidade de comunicação, como uma unidade de significação contextualizada. Como é, também, explicitado:

Uma mesma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que esses são únicos, dentro de situações e contextos específicos, o que significa que a “frase” ganhará sentidos diferentes nessas diferentes realizações “enunciativas” (MELO e BRAIT, 2005, p. 63)

Os textos e frases podem assumir diferentes sentidos já que podem estar inseridos em unidades de significação contextualizada, ou seja, o contexto em que se insere será influenciado por outros fatores, como os sociais, que poderá ser determinante para o sentido. Contudo, a atribuição de sentido, para Bakhtin, é o produto de uma relação em que cada indivíduo, cada locutor e interlocutor constrói de seu modo. Essa situação implica num alto grau de subjetividade o que não finaliza um procedimento. Para ratificar, o enunciado é posto num contexto estabelecido, entretanto, ainda há situações da subjetividade do sujeito que serão fundamentais para o desencadear dos fatos.

Desta forma, a palavra assume um papel significativo no âmbito da comunicação verbal. Para essa monografia, o estudo da palavra é imprescindível, uma vez que tomarei a literatura de Ana Maria Machado para o estudo das palavras, significação e sentidos.

- Fui percebendo que, na intimidade, as palavras repousavam quase adormecidas, conduzindo a minha voz em diferentes tons.
- Ei, palavra! Não vá embora! Volte pro poema.
- Cada palavra tinha um jeito especial de ser. Uma forma. Uma melodia. Algumas só se movimentavam quando respiravam. Outras eram soltas, delicadas. Mais outras eram tão fortes, grandes e redondas. (COSTA, 1998, p. 21)

2.2 A SEMÂNTICA

A semântica é a área de estudo que compõe a lingüística. É o estudo das significações das palavras na linguagem natural⁹.

Segundo Stella (2005), o estudo sobre o sentido das palavras era formado por dois grupos:

A semasiologia, da perspectiva sincrônica e estrutural, distinguia os traços de significação constituintes do significado da palavra dentro de um sistema; e a onomasiologia, da perspectiva diacrônica e conceitual, pretendia a uma origem comum de sentido das palavras nas várias línguas independentemente das variantes fônicas de expressão. (STELLA, 2005, p. 178)

Os estudos tomaram rumos diferentes das teorias que eram propostas, afinal, surgem idéias que defendem a concepção de linguagem e, também, de palavra que considera outros aspectos subjetivos e do contexto que se insere o indivíduo.

O termo “semântica” foi proposto por Michel Bréal, em 1883 em um ensaio que relatava sobre a ciência das significações, na qual a lingüística foi incluída aos estudos dos aspectos conceituais da linguagem. Sobre a linguagem relata Bréal (1897 apud FERRÁS, 1992, p. 16):

A linguagem representa um acúmulo de trabalho intelectual, ou, ainda, a linguagem tem sua morada em nossa inteligência, na nossa e na de nossos concidadãos. E diz mais, a linguagem é feita pelo consentimento de muitas inteligências, do acordo de muitas vontades, umas presentes e atuantes, outras desfeitas e desaparecidas.

Conjuntamente com o que foi expresso, a linguagem se desenvolve, progride. Ou seja, se insere no contexto histórico de cada época. Além disso, Bréal considera que a história diz respeito a uma relação do sujeito (homem) com a linguagem, e há a marca da subjetividade daquele que fala naquilo que fala. Bréal ressalva, também,

⁹ Segundo OLIVEIRA (2009) A expressão “linguagem natural” é utilizada com referência a qualquer língua que seja usada pelos seres humanos como seu principal meio de comunicação.

que os significados das palavras dependem de muitos fatores da subjetividade humana (vontade, inteligência e linguagem).

Assim, pode-se dizer, para Ferrás (1992), que:

A linguagem representa um conhecimento que se desenvolve porque as mudanças da linguagem são instrumentos de civilização. E as mudanças são produzidas pela intervenção da vontade, através de um trabalho errático e perseverante. E isso se dá com o acordo de vontades com o consentimento das inteligências. (BRÉAL 1897 apud FÉRRAS, 1992, p. 167)

Para tanto, complementa Ferrás (1992):

O histórico não é em Bréal uma relação entre o que veio antes e o que veio depois, em virtude de uma lei mecânica e necessária. Não é uma relação atomizada entre algo antes e depois. O histórico diz respeito à intervenção do sujeito na linguagem, da vontade na linguagem, que é inclusive uma intervenção da vontade na inteligência. (FÉRRAS, 1992, p. 11)

Considerar o histórico, como a intervenção do sujeito na linguagem, é fundamentar uma concepção de que o que importa na linguagem são os sentidos. Como considera Bréal, opor-se à linguagem como organismo é afirmar que as palavras são signos, ou seja, a linguagem significa. E significa como instrumento da inteligência e intervenção da vontade do homem na linguagem.

Segundo Barthes (1972), a linguagem humana possui signos de valor incondicional. Para ele, nunca foi visto outro sistema com a mesma grandeza e complexidade observado no nosso tempo e espaço. Desta forma, a semântica tem que considerar três ordens principais de problemas relacionados à análise de diversos significados que, para Pierre Guiraud (1980), são imprescindíveis: o psicológico, o lógico e o linguístico.

O problema psicológico está relacionado à elucidação de signos e às relações intrínsecas do espírito dos interlocutores na comunicação. Durante a comunicação, alguns fatores de ordem psicológica, que são particulares a cada indivíduo, interferem diretamente na comunicação. Como foi citado por Bréal numa comunicação, há uma relação entre muitas inteligências, de acordo com muitas

vontades. Nesse sentido, o sujeito interlocutor inclui na comunicação fatores, de ordem pessoal, que foram adquiridos durante a vivência do sujeito.

Segundo Guiraud (apud SILVA¹⁰), no problema relacionado à lógica, a semântica precisa aprender argumentos que dizem respeito à relação entre o signo e o meio. Em uma situação propícia, o signo deve ser aplicado e deve significar necessariamente quando relacionado com um objeto no tempo e no espaço. Por fim, a semântica precisa solucionar questões linguísticas no que se refere à significação. Estes são diversos devido à grande complexidade dos sistemas de signos, suas funções e formas.

Para Dias (2005), o problema fundamental da semântica reside na dificuldade de conciliar-se a polissemia da palavra com sua unicidade.

Essa é uma das principais proposições de Bakhtin voltadas para o problema da significação na linguagem. No seu entender, a palavra adquire significações relativas aos contextos nos quais ela pode inserir-se; no entanto, a palavra não deixa de ser uma. E essa unicidade é assegurada não só pela composição fonética como também pela unicidade inerente a todas as suas significações. (DIAS, 2005, p. 100)

Nesta monografia, a semântica é muito importante pelo fato de constituir um instrumento de valor para os estudos e análise da significação e do sentido da palavra em três histórias intencionalmente selecionadas de Ana Maria Machado.

¹⁰ Disponível em http://www.partes.com.br/ed39/teoriasignosreflexaoed39.htm#_ftn1 acessado em 15/09/2009. Não tem indicação de data de publicação e não tem numeração de páginas.

3. A LINGUAGEM COM QUE PRODUZ A LITERATURA.

A literatura Infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que se vincula ao mundo, ao homem, à vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/ impossível realização. (BELTRÃO, 2003. p. 171)¹¹

O capítulo três tem como principal eixo teórico a linguagem com que se produz a literatura. Para compor o desenvolvimento do tema, será realizado um estudo de algumas características de linguagem encontrada na literatura. Esse relato será importante para embasar o estudo das três obras de Ana Maria Machado.

Para falar da linguagem com que se produz a literatura, refiro-me à citação que inicia o presente capítulo. A literatura é uma arte que utiliza as palavras como objeto estético. Entretanto, a palavra, na literatura, precisa ser recriada, e torna-se utensílio de comunicação entre ideias e pensamentos, ou seja, o escritor utiliza a palavra como instrumento estético para transpor suas ideias e ela é recriada pelo leitor, que dá sentido ao que foi lido.

O sentido na literatura pode ser expresso das mais diferentes formas, já que um único significante pode assumir vários significados. A palavra torna-se um objeto artístico, torna-se literária, depois do processo de mimésis onde ela é desrealizada e recriada. A mimésis corresponde, no texto literário, como relata Proença Filho (2007) uma situação que passa a “existir” a partir dele como tal e que caracteriza uma apreensão profunda do ser humano e do mundo, a partir de tensões de caráter individual.

O texto da literatura é um objeto de linguagem que para Proença Filho (2007):

[...] associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético. O texto repercute em nós na medida em que revele marcas profundas de psiquismo, coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais. (PROENÇA FILHO, 2007, p. 7-8)

¹¹ As palavras não são autênticas de Beltrão, mas de um diálogo com Cecília Meireles (1984)

O texto literário pode assumir diferentes atribuições de sentido que dependem da relação autor/texto/leitor. O autor se apropria de situações da realidade comum para recriar e, assim, a linguagem literária [...] vai além dos limites individuais do codificador e atinge espaços totalizantes. (PROENÇA FILHO, 2007, p. 15)

Desta forma, o texto pode ser lido criticamente em níveis superficiais ou profundos, vai depender do sentido que o leitor vai dar ao texto. Devido a essa questão, o texto literário pode assumir uma característica polissêmica, que para Proença Filho (2007) apresenta três enfoques:

[...] em função de sua relação com aspectos existenciais, destacados processos cognitivos e éticos, e motivações nele configurados; podemos centrar a leitura nas dimensões sociais ou psicossociais que nele se fazem presentes, privilegiadas a relação entre a literatura e o social, a literatura e a história, a literatura e a cultura; podemos nuclearizá-la no diálogo intertextual, que privilegia influências. (PROENÇA FILHO, 2007, p. 17)

Apesar de serem escritos a partir de uma realidade comum entre leitor e escritor, os textos literários possuem uma importante característica de autonomia semântica, pois existem independentes de qualquer recriação do leitor. Essa autonomia permite que o texto tenha poder para se estruturar e organizar em seu próprio mundo, ou seja, a linguagem literária tem sua veracidade independente de qualquer atribuição de sentido.

Embora se caracterize a autonomia do texto literário, o mesmo assume uma função conotativa que para Câmara (1964 apud PROENÇA FILHO, 2007, p. 33) é “a parte do sentido de uma palavra que corresponde à sua capacidade de funcionar para uma manifestação psíquica ou apelo.” Entretanto, a conotatividade em textos literários é um fenômeno complexo e extenso que depende de vários fatores, como pode ser retirado do texto de Proença Filho (2007, p. 33-34):

- a) de aspectos fônicos do vocabulário, que podem “impressionar pela harmonia ou pela cacofonia”;
- b) “da associação com outras palavras, num dado campo semântico ou em frases usuais e frequentes”;
- c) da própria denotação, que evoca sensações agradáveis ou desagradáveis;
- d) “de pertencer a palavra a uma dada língua especial, como uma língua profissional, a língua literária ou a gíria”;
- e) “de se situar entre os arcaísmos ou os regionalismos”;
- f) “de impressões emocionais coletivas ou mesmo individuais, caracterizando o estilo individual, como as coletivas caracterizam o estilo coletivo de uma dada época”

Diante dessa variedade de fatores que influenciam na conotação, fatores esses que assumem dimensões históricas e ideológicas, é por força dessa dimensão conotativa que a obra literária gera múltiplas atribuições de sentidos. Ou seja, a linguagem literária passa a ter uma multissignificação, ao signo linguístico é atribuída múltiplas dimensões semânticas.

Essas várias significações são características de uma linguagem literária devido à diversidade de situações que envolvem o texto de literatura, como relata Lajolo (2001):

Linguagem entre linguagens e código entre códigos, o que se chama de literatura leva ao extremo a ambiguidade da linguagem: ao mesmo tempo que cola o homem às coisas, diminuindo o espaço entre o nome e o objeto nomeado, também exprime a artificialidade e a instabilidade dessa relação. O que ocorre diferentemente em diferentes momentos, com diferentes tipos de textos e para diferentes tipos de pessoas. (LAJOLO, 2001, p. 35-36)

A diversidade de linguagem é o eixo ideal para se trabalhar com textos de literatura em sala. O professor deve considerar os demais aspectos apresentados em busca de uma leitura que seja polissêmica. A linguagem literária permite essa multissignificação de sentidos.

4. ANA MARIA MACHADO: UMA INVENTORA DE HISTÓRIAS.

Rio de Janeiro, em Santa Tereza, aos 24 de dezembro de 1941, nasce Ana Maria Machado, escritora, pintora, professora e até vendedora de livros. Desde a infância, Ana Maria teve grande presença da arte em sua vida. Essa vivência artística foi apresentada por sua família e desde cedo fazem parte do cotidiano da autora.

Essas expressões artísticas apresentadas por sua família foram muito importantes para que Ana Maria pensasse a sua forma de escrever, seja para crianças, jovens ou adultos.

Na sua infância ouvia as histórias contadas por seus pais e seus avós. As histórias de Miguelzinho, contadas pela avó Ritinha, eram consideradas, por Ana Maria, como as melhores e, com certeza, foram inspirações para a escrita de suas histórias infantis.

Ainda no âmbito familiar, Ana Maria teve a oportunidade de se encontrar com outros autores que marcaram sua formação como leitora, e, posteriormente, como escritora. Entretanto, Rubem Braga tinha sua prioridade. Como Machado (1996) relata:

Nenhum me fascinava como Braga, pela maneira como escrevia, pela sua capacidade de captar a poesia do cotidiano, de usar em fiapo de assunto e ir tão longe... Eu recortava e guardava o que ele escrevia. O que ele fazia com as palavras era tão bonito que me dava um aperto no coração, vontade de chorar, de sorrir, de gritar para o céu, sei lá... Foi com Rubem Braga que tive a segunda traulitada: meu Deus dá para se fazer isso com a língua! Se é possível alguém fazer isso, então também quero. (MACHADO, 1996, p. 32)

Nesse percurso de leituras, Ana Maria conhece Lobato, e *As Reinações de Narizinho*, foi o livro que marcou a vida da autora e que, ainda hoje, Ana Maria apresenta influências lobatianas em suas obras. Segundo Pereira (2004):

Filha diletta, embora dotada de estilo personalíssimo, Ana segue a tradição lobatiana de escrever histórias que seduzem vazadas numa linguagem saborosa sem deixar de mostrar a preocupação com as mazelas do seu país e com as dores do mundo. (PEREIRA, 2004, p. 138)

A produção literária de Ana Maria transmite para o leitor algumas situações cotidianas, simples e curiosas, que [...] de tanto serem vivas ninguém enxerga. (COELHO 2000 apud BELTRÃO, 2006, p. 304).

Ainda dialogo com Beltrão (2006):

Ana Maria Machado tece com suas narrativas 'uma teia bonita e resistente que aguenta todo o peso do povo de uma aldeia, de uma nação, de uma terra'. Sua constante preocupação em buscar nas raízes culturais brasileiras a matéria de sua ficção não impede de tratar dos temas mais atuais da nossa realidade. Ao contrário, dão-lhe o terreno fértil de que necessita para plantar sua obra, já bastante ampla e das mais significativas no panorama literário do Brasil de hoje. (BELTRÃO, 2006, p. 305/306)

A autora percorre caminhos paralelos aos de Lobato, entretanto:

[...] fica claro, de um lado, que o projeto da escritora tem muito a ver com o projeto lobatiano de renovação da literatura infantil brasileira; de outro fica igualmente patente o seu esforço de ruptura com o que se pode chamar de tradição alienante e ou escapista de literatura voltada para as crianças (COELHO 2000 apud BELTRÃO, 2006, p. 305).

Ana Maria iniciou sua carreira escrevendo para crianças no mesmo momento em que se dedicava à sua tese de Doutorado. Nesse período escrevia sobre Guimarães Rosa e utilizava a língua e a literatura como seus principais elementos de escrita. (...) Por que não escrever para crianças também? Não vi nenhum motivo para excluí-las de minha preocupação estética com o uso da linguagem, terreno onde sempre me movi. (MACHADO, s/p)¹²

Ainda sobre a escrita para as crianças, considera Machado (1996):

Talvez seja mais difícil escrever para crianças, por uma exigência maior de atenção ao vocabulário (que não pode se encher de termos técnicos específicos) e por uma necessidade de contar com um raio de esperança, que nem sempre está presente dentro da gente. (MACHADO, 1996, p. 65)

Para Ana Maria, a Literatura infantil não era para ser lida exclusivamente pelas crianças ou para as crianças. Ela considera que existe uma literatura que deve ser lida por qualquer leitor, seja criança, jovem ou adulto. Para ela devem ser

¹² Citação retirada do site de Ana Maria (www.anamariamachado.com.br), acessado em 10/10/2009, onde não é possível identificar a página e ano de publicação.

oferecidos textos de qualidade para as crianças isso, posteriormente, resultará na formação de adultos mais críticos. Assim como Lobato, Ana Maria tem a preocupação em (...) deslitteratizar a literatura infantil, dando ao discurso um registro coloquial sem empobrecê-lo ou barateá-lo, mas tornando-o acessível. (PEREIRA, 2004, p. 140).

Sobre a linguagem nas obras de Ana Maria, relata Pereira (2004):

No âmbito da linguagem, a escritora atua nos planos fônicos, morfossintáticos e léxico-semântico, lançando mão dos recursos possíveis que a língua coloca a seu dispor, trabalhando a palavra como artesanato experiente, enriquecendo o discurso e oxigenando o código utilizado. Nada mais oportuno, então, para se travar contato com a língua do que um texto pleno de possibilidades em que se verifica o domínio das estruturas do próprio idioma, deflagrando a expressividade que encanta, pela sutileza, leitores de todas as idades, sem perder de vista a simplicidade, a clareza e a objetividade, fatores indispensáveis à compreensão imediata, sem quaisquer firulas lingüísticas. (PEREIRA, 2004, p. 141)

Além disso, a linguagem, para Ana Maria, pode assumir diversos sentidos, e para isso, a linguagem deve ser simples, para que se (re) crie os signos verbais. Sobre o exposto, relata Bastos:

O uso liberatório da linguagem é colocá-la a serviço de transparência. Literalmente, a linguagem pode ter vários sentidos, para que o leitor invente seus próprios significados. Mas gosto de usá-la sempre de forma transparente. Não para ocultar e velar, mas para revelar. Em momento algum, no entanto, eu acho que a linguagem deva ser simplificada. Em meus livros, não há condescendência, tatibitate nem barateamento da linguagem. Não há um pronome fora do lugar, a regência e a concordância são rigorosas. As rupturas são intencionais, tem uma função estilística. Acho essencial dominar a gramática para domá-la e partir para uma linguagem nova (BASTOS, 1995 apud MACHADO, p. 50)

E foi nessa perspectiva de buscar uma linguagem nova que Ana Maria tornou-se uma escritora reconhecida dentro da literatura. Entretanto, iniciou sua vida adulta como pintora, e só mais tarde se formou em Letras Neolatinas.

No período em que trabalhava com professora em colégios e faculdades, escreveu alguns artigos para a revista Realidade, participava de reuniões e manifestações e, no final de 1969, Ana deixou o Brasil e foi para o exílio.

Nessa viagem, levava com ela algumas histórias infantis que escrevia a pedido da revista *Recreio*. Trabalhou como jornalista na revista *Elle* em Paris e na BBC de Londres, foi, também, professora em Sorbonne. Nesse período participou de um seleto grupo de estudantes sob a orientação de Roland Barthes, e terminou seu doutorado em Linguística e Semiologia, o que resultou, mais tarde, no livro “Recado do Nome”. Ainda, nessa época, continuou escrevendo livros infantis que vendia para a Editora Abril.

Na revista *Recreio*, da Editora Abril, que Ana Maria começou a tecer sua primeiras obras infantis. Era um grande sucesso, como relata Machado:

Durante anos, foi esperada com ansiedade nas bancas, lida com sofreguidão nas casas, copiada e recopiada nas escolas por professores que viam em suas histórias a resposta a uma carência que sentiam e ninguém ainda havia detectado: a de textos bem brasileiros com qualidades literárias, falando de questões importantes da atualidade, e que pudesse ser lidos com prazer pelas crianças e, ao mesmo tempo, que divertissem. (MACHADO, 1996, p. 60)

De volta ao Brasil, em 1972, começou a trabalhar na Rádio JB e no Jornal do Brasil e atendia pelo pseudônimo Ana, quando ganhou o prêmio João de Barro com o livro “História Meio ao Contrário”, em 1977. Ainda neste ano, devido ao grande sucesso da revista *Recreio*, a Editora Abril faz uma coletânea chamada *Histórias de Recreio* contendo as histórias infantis de mais sucesso da autora: Severino faz chover, Curupaco Papaco e Camilão, o comilão. [...] Hoje, novamente desmembrada nas doze histórias originais que constituem doze livros, eles estão sendo publicados pela Editora Salamandra, na Coleção Batutinha. (MACHADO)¹³

São muitas publicações para literatura infantil, juvenil e adulta. Dentre as principais publicações infantis estão: *Raul da Ferrugem Azul* (1979), *Do Outro Lado tem Segredos* (1980), *De Olho na Penas* (1981), *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982), *Praga de Unicórnio* (1983), *Série Mico Maneco* (1983-88), *Gente, Bicho, Planta: O Mundo me Encanta* (1984), *A Jararaca, a Perereca e a Tiririca* (1985), *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986), *Série Filhote e Série Moleque* (1987), *A Velha Misteriosa* (1988), *Uma Vontade Louca* (1990), *Mistérios do Mar Oceano* (1992), *Série Adivinhe Só*

¹³ Citação retirada do site da autora (www.anamariamachado.com.br), do link Caderno de notícias, no qual a autora responde algumas questões sobre sua vida e obra.

(1993), Um Herói Fanfarrão e sua Mão Bem Valente (1994), O touro da Língua de Ouro (1995), Beijos Mágicos (1996), Amigos Secretos (1997), Balas, Bombons, Caramelos (1998), Um Gato no Telhado (1999), Piadinhas Infames (2000), O Menino que Virou Escritor (2001), De Carta em Carta (2002), Portinholas (2003), Gente bem diferente (2004), Pedro Malasartes e outras Histórias à Brasileira (2005), Uma história de Páscoa (2006) entre outras.

Seus escritos para adultos incluem, também, algumas traduções. Dentre os principais títulos escritos estão: Recado do Nome (1976), Alice e Ulisses (1983), Tropical Sol da Liberdade (1988), Canteiro de Saturno (1991), Aos Quatro Ventos (1993), O Mar Nunca Transborda (1995), Esta Força Estranha (1996), Contra Corrente (1999), Texturas – sobre Leituras e Escritos (2001), Como e Por Que Ler os Clássicos Universais desde Cedo (2002), Palavra de Honra (2005), Romântico, Sedutor e Anarquista: Como e Por Que Ler Jorge Amado Hoje (2006). Entre as traduções encontramos: Dentro e Fora da Broadway: O Teatro Americano Moderno (1968), Maia (1982), O Imperador de Si Mesmo (1985), Chapeuzinho Vermelho e outros Contos de Grimm (1986), Robinson Crusóé (1990), Peter Pan (1992), Série Mitos e Lendas (1992-95), Linéia no Jardim de Monet (1993), Um leão na campina (1995), A Princesinha (1996), Alice no País das Maravilhas (1997), Os Caçadores de Mel (1998), Cuidado com o menino (1999), Simbad - uma História das Mil e uma Noites (2000), O Egito (2001), Índios da América do Norte (2002), Viagens de Gulliver (2003), A Batalha dos Monstros e das Fadas (2006), e outras mais.¹⁴

Nesses 33 anos de carreira, Ana Maria escreveu para todos os públicos e foi reconhecida muitas vezes, com alguns prêmios relevantes no âmbito da Literatura nacional e internacional.

Em 1993, se tornou favorita nos prêmios da Fundação Nacional do livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Em 2000, Ana Maria ganhou o prêmio Hans Christian Andersen, que é um prêmio considerado o Nobel da literatura infantil mundial. Em 2001, ganhou o prêmio Machado de Assis, maior prêmio literário nacional, pela Academia Brasileira de Letras, que em 2003 tornou-se membro, ocupando a cadeira número 1 (um). Ainda cito outras premiações, apropriando-me das palavras de Beltrão (2005):

¹⁴ Listagem das obras de Ana Maria Machado disponível no estudo monográfico da Pedagoga Alessandra Oliveira

[...] Prêmios: Jabuti, 1978, Melhores do Ano pela Fundalectura, Bogotá, 1994; O menino Pedro e seu boi voador, 1979, Altamente Recomendável, FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil), Lista de honra do IBBY (International Board on Books for Young People), 1982; Palavras, palavrinhas e palavrões, 1981. Prêmio APPLE, Genebra, Suíça; De fora da Arca, 1996. Prêmio Cocori, Costa Rica, 1993, Prêmio UBE, 1994; Peter Pan, 1992. Altamente Recomendável, FNLIJ, Melhor livro traduzido, 1992, Lista de honra do IBB4, 1994. Contracorrente: conversa sobre leitura e política, 1999. Prêmio Cecília Meireles [...] (BELTRÃO, 2005, p. 49)

Ana Maria Machado vai criando e recriando histórias. Uma escritora, singular, capaz de perceber o mundo em sua volta e escrever histórias do mundo real e do que inventava no imaginário. Ana Maria, que relata sobre o ser leitora e escritora:

Ser leitora e escritora é uma escolha ligada ao intenso prazer intelectual que essas atividades me dão. Escrevo porque gosto de língua portuguesa, gosto de histórias e conversas, gosto de gente com opiniões e experiências diferentes, gosto de outras vidas, outras idéias, outras emoções, gosto de pensar e de imaginar. (MACHADO, 1996, p. 44)

5. AS PALAVRAS E AS PALAVRINHAS EM TRÊS HISTÓRIAS DE ANA MARIA MACHADO

Os chamados livros infantis para mim são apenas livros também para crianças que, ao serem lidos por adultos têm outros sentidos que o pequeno leitor pode ainda perceber. (MACHADO, 1996, p. 65)

Para a análise das obras de Ana Maria Machado, selecionei alguns elementos que possibilitassem uma rebuscada leitura na perspectiva semântica. No livro *Camilão, o comilão*, o ponto de análise escolhido foi o início e o final da narrativa. Já em *Dorotéia, a centopeia*, o estudo ficou focado no ambiente em que a personagem vivia com seus amigos. E em *Beto, o carneiro*, me restrinjo a caracterizar o personagem Beto. Vale ressaltar que escreverei, inicialmente, um resumo das obras, apresentando o foco temático da autora, e posteriormente, a análise semântica.

5.1 CAMILÃO, O COMILÃO.



O livro *Camilão, o comilão* é editado pela Salamandra, da coleção *Batutinha*, de autoria de Ana Maria Machado e tem como ilustrador Fernando Nunes.

A narrativa se constrói em torno de um leitão chamado Camilo. O fato de ele ser tão grande colaborou para ser conhecido como *Camilão*. O porco é caracterizado como preguiçoso e guloso, e, por isso, foi subjetivado como *comilão*.

O *Camilão* não gostava de trabalhar, preferia ganhar comida, ou comer na casa de algum amigo. “Ninguém se incomodava, porque todos gostavam dele. E achavam graça naquela gulodice. Que não fazia mal a ninguém”¹⁵.

Certo dia, Camilo resolveu sair para suas andanças com uma cesta vazia. Havia apenas um guardanapo no fundo da cesta. Certamente o *comilão* estava à

¹⁵ As citações encontradas no capítulo 5, que não possuem referência de autor, data e página, foram retiradas das respectivas narrativas de autoria de Ana Maria Machado, publicadas em 2006 (*Camilão, o comilão* e *Beto, o carneiro*) e em 2007 (*Dorotéia, a centopeia*). Os livros não possuem numeração nas páginas

busca de comida para aquele dia que se iniciava, sempre conseguindo comida sem fazer força.

Durante seu passeio, o porquinho sempre encontrava um amigo, que durante o dia realizavam suas atividades, ou trabalhando, ou cuidando do seu espaço, e pedia doações. O leitão sempre alegava estar com fome, quase para desmaiar. Com isso, Camilão conseguia alimentos para colocar em sua cesta.

Encontrou o cachorro Fiel “Trabalhando, tomando conta destas melancias”; o burro Joca “Trabalhando. Levando essas abóboras para o mercado.”; a vaca Mimosa “Trabalhando. Fazendo manteiga, queijo, requeijão.”; a galinha Quiqui que logo chamou seus filhotes exclamando “Meus filhos! Seu Camilo quer milho”; o macaco Simão, que por sinal foi o mais difícil para doar bananas para o Camilão: “Está bem. Um cacho inteiro eu não dou, mas tome meia dúzia de bananas”; a abelha Zizi “... ocupadíssima, recolhendo o pólen.”; o coelho orelhudo “estava trabalhando...”; o esquilo.

Enfim, todos, doavam o que podiam para o Camilo, que sempre colocava os alimentos na cesta, que se tornou pequena diante de tanta comida: “Na cesta, uma melancia, duas abóboras, três queijos, quatro litros de leite, cinco espigas de milho, seis bananas, sete potes de mel, oito alfaces, nove cenouras. E mais dez avelãs que o esquilo deu.” Camilão se preocupava em proteger seus alimentos e sempre os cobria com o guardanapo.

“Agora, o que você acha que aconteceu? Você pensa que Camilão se escondeu para comer tudo sozinho? E depois ficou com a maior dor de barriga do mundo? (...) Camilão vai dar uma festa de comilança. E convidar todos os amigos que deram alguma coisa a ele.”

O Camilo surpreendeu a todos e resolveu fazer a festa. Ele é amigo, todos gostam dele, “Porque divide o que tem”.

Nessa narrativa, encontramos um personagem com características que poderíamos considerar antitéticas. Quem poderia imaginar que um porco, guloso e preguiçoso fosse dividir toda aquela comida que ele conseguiu? Na verdade a moral da história, como diz Coelho (2000), não visa acusar a gula como um pecado (como acontece nas histórias tradicionais), mas simplesmente mostrar um ser folgazão,

esperto e generoso, que aparentemente explora os amigos mas que, no fim, reparte com os outros tudo o que é seu.

5.1.1 O início e o final da história

O início da narrativa é marcado pela caracterização do personagem Camilo. A autora utiliza algumas palavras que associadas, explicam a nomeação do porco como Camilão. [...] Camilo era um leitão. Um **porco grande**, o **Camilão**. (grifos meus).

Durante a primeira parte da história, a autora utiliza expressões explicativas e antitéticas para dar ênfase a características do animal. [...] Não era um porco dos mais porcos. Mas era preguiçoso. E muito guloso. Um comilão, esse Camilão. Mas não queria saber de trabalhar para ganhar comida [...]. À medida em que ele não era um porco dos mais porcos, alguma peculiaridade diferenciava-o dos demais porcos, era preguiçoso e guloso, que são marcas simbólicas de um porco. Na outra situação, ele era guloso, mas não gostava de trabalhar para ter comida.

O perfil traçado do animal apresenta adjetivos relacionados ao humano, o que caracteriza a figura de linguagem prosopopéia ou personificação, que é a atribuição de qualidades e sentimentos humanos a seres irracionais ou inanimados

Posteriormente, Ana Maria continua traçando o perfil do personagem, entretanto, alguns questionamentos ficam implícitos ao leitor, que só são explicados no final da narração. Ela coloca que os amigos de Camilo eram solidários à preguiça do animal, e, por isso, ele: [...] Preferia comer cada dia em casa de um amigo. Ou, então, pedia uma comidinha aos outros. Mas [...] Ninguém se incomodava, porque todos gostavam dele. E achavam graça naquela gulodice. Que não fazia mal a ninguém. Só mesmo ao Camilão [...].

Essa última parte do início da narrativa parece deixar claro que o Camilo se prejudicava por ser guloso, entretanto, o enredo final da história, mostra que tudo que conseguiu de comida repartiu em uma festa promovida para reunir os amigos. Devido a isso, surge a questão; por que essa gulodice só fazia mal ao Camilão? Pois no final ele divide tudo.

No final da história, a autora questiona o leitor sobre o que ocorreu com Camilo, após arrecadar [...] uma melancia, duas abóboras, três queijos, quatro litros de leite, cinco espigas de milho, seis bananas, setes potes de mel, oito alfaces, nove cenouras. E mais dez avelãs que o esquilo deu.

Ela pergunta ao leitor [...] o que você acha que aconteceu? Você pensa que Camilão se escondeu para comer tudo sozinho? E que depois ficou com a maior dor de barriga do mundo? [...]. Entretanto, essa situação é posta como algo óbvio de acontecer, e Ana Maria convida o leitor a conhecer a verdadeira gulodice de Camilo.

Retomando as características apresentadas no início da história, Ana Maria revela o Comilão, e integra o leitor ao grupo de amigos do animal, o que representa uma interação do leitor com a história: [...] Nosso amigo leitão pode ser guloso, mas todo mundo gosta dele. Porque divide o que tem. [...] A gulodice de Camilo resulta em uma atitude de solidariedade mútua entre ele e os amigos, pois a “festa de comilança” não aconteceria, se não fosse a solidariedade dos amigos com Camilo.

Por fim, Ana Maria convida o leitor a participar da festa, e, para tanto, ele deverá ser solidário como ela também se mostrou: [...] Eu também vou. Levando doze laranjas. Você quer ir? Vai levar doze... o quê? E seu irmão? E seu amigo?

Essa história é uma lição de solidariedade mútua entre Camilo e seus amigos. Apesar de preguiçoso, os amigos respeitam essa característica e, em contrapartida, ele se solidariza, oferecendo uma festa para celebrar a amizade.

5.2 DOROTÉIA, A CENTOPEIA.



O livro, Dorotéia, a centopeia, é um livro da Salamandra, da Coleção Batutinha de autoria de Ana Maria Machado, ilustrado por Eva Furnari.

O livro é uma fábula que conta a história de uma centopeia que se chamava Dorotéia. Essa personagem vivia em um canteiro do jardim com outros amigos bichos, como a abelha, a libélula, a formiga, os besourinhos, as borboletas, grilos e outros mais.

O canteiro do jardim sempre estava animado, não porque vivia em festa, mas sim porque muitos trabalhavam energicamente durante o dia, embora tivesse aqueles que brincavam também. Embora todos fossem muito ocupados, eram todos muito amigos. No final da tarde, todo mundo se reunia para brincar, conversar e dar risada.

O canteiro era um lugar de diversidade, onde era possível encontrar “Muitas flores, de muitas cores”, “Muitos insetos, barulhentos e quietos”. Essa diversidade que fazia do jardim um ambiente animado “Formigas, abelhas, besourinhos, borboletas, grilos, num corre-corre, num pula-pula, num voa-voa, pra lá, pra cá”.

A amizade dos bichos era muito forte, o que fez eles perceberem que a centopeia, que era sempre “bem alegre”, “agora só sabia resmungar”, só andava de mau humor. A Dorotéia estava estranha, não queria ver mais os amigos, não se importava mais com os outros bichos. Só “Gemia e reclamava. Implicava e sumia”.

Os bichos ficavam se perguntando o que estava acontecendo com a Dorotéia, mas ninguém conseguia descobrir, nem adivinhar. Os amigos da centopeia, então, resolveram chamar um médico, que havia sido aluno do Doutor Caramujo¹⁶ para cuidar da Dorotéia.

Ao chegar, o médico foi surpreendido com a malcriação da centopeia, que “botou a língua de fora e fez careta” e logo a surpreendeu dizendo que essa seria a melhor forma para examiná-la. Como não era de costume aquele tipo de comportamento, Dorotéia ficou logo envergonhada.

Ao finalizar os exames, o Doutor Caracol deu o diagnóstico, deixando os amigos da centopeia mais despreocupados. Entretanto, a Dorotéia ficou muito nervosa, desesperada, pois achava que não teria solução para seu problema que consistia em “Topadas com os pés da frente dos dois lados. Unha encravada no pé número 18 do lado esquerdo e no 27 do lado direito. Calos nuns 35 pés do lado direito e nuns 42 do outro lado”.

¹⁶ Doutor Caramujo, em Dorotéia, a centopeia comprava que essa história alude a Monteiro Lobato. A centopeia é um personagem de Lobato que aparece na narrativa Reforma da Natureza. Esse livro mostra um período em que precisava restaurar a paz mundial e Dona Benta e Tia Nastácia, foram indicadas para tal missão. Todos iam para a Europa, mas a Emilia resolveu ficar para realizar uma reforma na natureza e a centopeia, para a Emilia, era um animal que precisava ser reformado: “E a centopeia? Para quê tanta perna? Tiramos umas pernas e botamos na minhoca, que não tem nenhuma.”

A solução para o médico consistia em trocar os sapatos, que foram colocados nela logo que nasceu, e estavam apertados. Dorotéia precisava comprar, para resolver seu problema, 50 pares de sapatos, mas não tinha dinheiro para isso.

Foi quando a abelha Zizi, apoiada pela formiga Tita, teve a idéia de propor uma união de todos para ajudar na compra dos sapatos, uma vez que tanto na colméia, quanto no formigueiro, todos trabalhavam juntos. E o grilo exclamou: “Aqui também vai ser assim. Vamos arrumar o dinheiro e animar nosso canteiro. Para comprar sapatões, um parque de diversões!”

Aceita a proposta do grilo, em construir um parque de diversões, todos começaram a trabalhar. “Besouros puxaram coisas. Minhocas cavaram túneis para o trem-fantasma passar. Formigas carregavam gravetos. Mosquitos e cigarras ensaiaram para a orquestra. Abelhas faziam doces”. Depois de alguns dias de trabalho, o parque foi aberto e foi um sucesso. “O fantástico trem-fantasma. O gafanhoto que dá salto mortal. A aranha que anda em quatro cordas bambas de uma vez” e muito mais atrações fizeram do parque um sucesso e conseguiram arrecadar o dinheiro para a Dorotéia comprar os sapatos.

No dia de comprar os sapatos, a centopeia não conseguia todos iguais, do mesmo modelo. Então ela resolveu inventar uma moda e comprou todos os sapatos diferentes. “Botas, botinhas, chinelos. Alpargatas, tamancos, galochas. Sapatos de todo tipo, sandálias de toda cor”. A Dorotéia lançou a moda.

A partir daquele dia, a centopeia conseguiu voltar a ser alegre e bem humorada “Ela sobe e desce correndo por pedrinhas, gravetos, buracos no meio da grama”.

E o parque de diversões? Continuou funcionando. “Ninguém quis desmanchar, porque foi uma boa idéia”.

E a amiga Dorotéia? Está “Melhor que montanha russa. Ou mesmo que tobogã. Moda nova, naturalmente. Com cada pé diferente.”

5.2.1 O ambiente.

O livro Dorotéia, a centopeia demonstra uma temática referente à solidariedade que existe no canteiro do jardim, onde vive a comunidade de bichos.

No momento quando a centopeia necessitou de ajuda para solucionar o problema dos sapatos, todos os bichos se uniram em prol da causa. Buscaram uma solução divertida, que combina com o ambiente em que eles estão acostumados a viver.

Durante a narrativa foi possível encontrar passagens do texto que descrevem o ambiente vivido pelos personagens, e as principais características encontradas nesse ambiente acaba por descrever as características dos personagens.

“Todo dia parecia festa no canteiro do jardim”. Nessa passagem do texto é possível perceber que o ambiente vivido pelos personagens não era tão grande. O “canteiro” representa, como palavra neutra, “porção de terreno delimitado em que se cultivam flores ou hortaliças” (AURÉLIO, 1986, p. 124), entretanto, na proporção total de um jardim, ele ocupa, apenas, partes bem menores. Desta forma, é possível perceber que o ambiente vivido era menor do que o jardim, porém existiam fatores característicos que davam idéias de engrandecimento.

A comprovação dessa característica de um ambiente pequeno pode ser encontrada no final da narrativa quando o autor coloca a seguinte frase: “Um miniparque que era o Máximo! Nunca se viu nada igual. Tudo era pequenino, mas era sensacional”.

O aspecto de engrandecimento mostrado pelas palavras que funcionam figurativamente, como hipérbole pode ser visto na passagem “Muitas flores de muitas cores. Muitos insetos, barulhentos e quietos. Formigas, abelhas, besourinhos, borboletas, grilos, num corre-corre, num pula-pula, num voa-voa, pra lá, pra cá”, onde, em um “canteiro” pode ser encontrado uma grande diversidade de espécie de seres vivos. Essa característica pode mostrar a relevância do ambiente para a autora, que, apesar de ser apenas um espaço em um jardim, apresenta uma grande dinâmica na diversidade de bichos e de plantas, e conseqüentemente, na relação entre eles, ratificando a ideia de engrandecimento. Nesse sentido, não é possível desprezar a noção hiperbólica contida, essencialmente na palavra “muitos”.

Nessa mesma passagem, ainda é possível perceber aspectos sonoros e visuais caracterizando o ambiente. No trecho, parece que é intenção da autora mostrar a diversidade de cores do ambiente, o que pode gerar uma sensação de ambiente alegre, que era uma das características posta para a personagem Dorotéia. Já o trecho “Muitos insetos, barulhentos e quietos”, é possível perceber a

sonoridade do ambiente, que, por horas fica calmo e por horas, mais agitado, o que também pode ser comparado com a descrição da centopeia, que por ser sempre bem alegre, no dia em que ficou mais quieta, foi logo percebido o problema com ela.

Essas características repito, apresentadas de forma hiperbólica, já que há um exagero, não definido, na quantidade de cores e flores, ao tempo que quantifica os elementos, indefine. “Muitas flores de muitas cores”, cria um espaço para a produção de sentido pelos leitores. Serão tantas as flores e cores quantas são as que a criança conhece. Essa característica presente na obra de Ana Maria Machado é um estímulo para o imaginário infantil. Para Ana Maria Machado (2001)¹⁷, a literatura permite sonhar, enfrentar medos, vencer angústias, desenvolver a imaginação, viver outras vidas, conhecer outras civilizações.

A construção do parque de diversões é o outro momento da narrativa que posso captar características do ambiente. Esse ambiente, de muito trabalho, diversão e cooperação, foi o ponto de união dos personagens para arrecadar recursos para a compra dos sapatos da Dorotéia. A escolha pela construção do parque tem características dos personagens que trabalham, brincam, conversam e dão risadas.

Enfim, pode-se concluir que o ambiente onde é passada a história da Dorotéia é caracterizado com aspectos que também são encontrados nos personagens. Além disso, é possível perceber um local onde existe harmonia e a solidariedade entre os personagens é fundamental para o desfecho final de muita alegria no parque de diversões.

5.3 BETO, O CARNEIRO



O livro Beto, o carneiro foi editado pela Salamandra e ilustrado por Fernando Nunes.

A narrativa conta a história de um carneiro chamado Beto que estava “cansado de carneirice” e reclamada de tudo que ocorria no pasto. Até quando o pastor chamava Beto para cortar

¹⁷ Retirado do site www.novaescola.abril.com.br da edição 14 de setembro de 2001.

os cabelos, ele reclamava. “Não quero cortar cabelo nenhum. Careca não está na moda. Vou embora e vou ficar cabeludo como quiser.”

Então, Beto aproveitou uma distração do pastor e saiu pulando até que chegou no alto da montanha, “...tão alta que ficava no meio das nuvens...”. Chegando lá, Beto observou a sua semelhança física com a das nuvens e pensou no que poderia se transformar, afinal “...Para um carneiro esperto como eu, não é difícil ser branco e macio, nem ficar para lá e para cá”. Beto virou nuvem, “...uma nuvem nova. Uma nuvem “bebete””.

No início, o carneirinho achava tudo muito divertido, dava para ver um monte de lugares lá de cima. Entretanto, bastou ter que seguir algumas regras que aquela vida já não parecia tão boa.

Certo dia, Beto pediu que o vento o levasse para a floresta, mas o vento disse que eles precisavam ir para o mar: “Não, senhor, vamos para o mar. E nada de reclamar”. Beбето, mais uma vez, desistiu de continuar, afinal “não gostava de ser mandado por ninguém”. E logo foi pensando em outra coisa para se transformar.

Lá do alto, pôde ver o mar. “Em cima do mar, viu as ondas lá embaixo, cheias de espumas branquinhas”, e logo festejou: “- Oba, espuma é uma coisa boa pra ser. Para um carneiro esperto como eu, não é difícil ser branco e levinho, nem boiar para lá e para cá. Está resolvido: vou virar espuma”.

Pronto, Beto virou uma espuma que vivia no mar, boiando para lá e para cá. Como das outras vezes, no começo era tudo divertido, uma maravilha.

Que lindo o mar à noite, quando a lua brilha!
E que beleza de dia, com sol. Que alegria!
Vida boa! Ele passava o dia inteiro à toa.
De papo pro ar, vendo as gaivotas.
Olhando os peixinhos no fundo.
Ou brincando atrás dos barcos que passavam.

Até que um dia, Beto resolveu passear e pediu para que Dona Onda o levasse para brincar na praia, e Dona Onda informou da impossibilidade naquele momento:

“- Não, senhor, agora não. Só na maré cheia”. Mais uma vez, Beto sentiu dificuldades de seguir a regra do local onde vivia e “... quando dona Onda se distraiu, ele pegou uma onda e foi até a praia”.

Chegando à praia, Beto começou a ouvir um choro. E quando olhou era uma ovelha negra que chorava muito, pois não conseguia fazer amizade com nenhum carneiro. Beto ficou com muita pena dela e se ofereceu para ser seu amigo. “Bom dia, carneirinha! Eu quero ser seu amigo. Meu nome é Bebeto”.

Memélia ficou contente, afinal tinha conseguido um amigo para brincar e conversar.

Correram, pularam, deram cambalhotas.
Cantaram e dançaram:
Carneirinho, carneirão, neirão, neirão...
Olhai pro céu, olhai pro chão, pro chão, pro chão...
Cataram conchinhas, fizeram castelos de areia.
E ficaram muito amigos e felizes.

A partir daquele dia, tudo era realmente diferente. Bebeto e Memélia saíram passeando por todo o mundo, cantando, tocando violão e se divertindo muito. Ambos se vestiam e usam cabelos da forma que gostavam. “Nem dava pra ver se eles eram brancos ou pretos, porque estavam sempre com umas roupas muito coloridas, cheios de colares e enfeites”, já que essa questão foi o ponto principal para desencadear a narrativa, Bebeto que usava a sua cor “branquinha” para mudar de identidade por várias vezes, e Memélia que pensava que não conseguia amigos por ser uma carneirinha negra.

Bebeto e Memélia se casaram e tiveram muitos carneirinhos. “... pretos, brancos e malhados. Todos levados, alegres e brincalhões”. E ficaram “muito felizes por serem só carneirinhos. E todo mundo gostava deles”. Enfim, os carneirinhos passaram a gostar da vida de carneiros e desistiram de buscar outra identidade para viver, pois “serem só carneirinho” possibilita uma vida alegre e satisfatória para eles.

5.3.1 O personagem

O personagem principal dessa narrativa, o Beto, nunca estava satisfeito com a vida que levava. Vivia cansado de “fazer o que o mestre mandava”. E, durante a narrativa, toma decisões para mudar sua identidade, sempre buscando em outros elementos, uma razão para se transformar.

Bebeto se achava um carneiro “muito esperto” o que se tornava um fator preponderante para suas decisões. O adjetivo “esperto”, acentuado pelo advérbio de intensidade “muito” revela, na linguagem, o modo particular de o carneiro criar forças e enfrentar a nova vida que buscava.

Para ele tudo era fácil, possível de ser enfrentado por ele. Na sua primeira mudança, quando resolveu virar nuvem, Bebeto considerava que a vida como nuvem era fácil, pois não seria difícil “ficar para lá e para cá”. Ele sempre se achava capaz, entretanto a primeira divergência com outros elementos, como nesse caso o vento, era o suficiente para ele resolver mudar de identidade.

Outro aspecto a considerar, nessa passagem, são as características apontadas por Bebeto às nuvens. “ser branco e macio”, para ele, eram características das nuvens possíveis de serem encontradas nele. “macio” talvez pelo fato da nuvem de assemelhar com o algodão.

No segundo momento, quando vira uma espuma, Bebeto se considera “branco e levinho”. O aspecto físico de uma espuma fez o personagem se igualar à espuma. E, mais uma vez, ele não considera ser difícil aquela vida de espuma, pois “boiar para lá e para cá” parecia muito simples. Até quando, ocorreu outra divergência, desta vez com a onda e ele deu um jeito para ir à praia.

O final da narrativa foi importante para Bebeto perceber que existiam outras coisas mais importantes na vida que ele não consegue ver. O encontro com uma carneirinha negra, que não conseguia fazer amigos por conta dessa característica, foi indispensável para ele perceber que “ser branco” não era tão importante para ele conseguir se realizar. Ele precisou viver essa diferença entre ele e Memélia para reconhecer a sua identidade como carneiro, e “serem só carneirinhos” era o suficiente para ser feliz.

Durante as passagens do texto é possível encontrar elementos de personificação, uma outra figuração da linguagem, também conhecida como prosopopéia pois, foi atribuído ao personagem Bebeto algumas características próprias de seres humanos, como por exemplo, ser esperto. Essas são características de uma narrativa simétrica. Entretanto, durante a narrativa, houve um deslocamento de características que são de elementos da natureza que se assemelham às características determinada pelo carneiro Bebeto. Ao tempo que ele busca características de seres humanos, ele retoma com elementos da natureza para compor sua identidade.

Os aspectos semânticos estudados do livro Beto, o carneiro são utilizados para caracterizar o personagem que não queria mais seguir os outros carneiros e que, ao final da narrativa, supera as diferenças raciais. Entretanto, para que isso ocorresse ele precisou reconhecer a sua identidade como carneiro e, enfim conseguiu viver feliz com a carneirinha Memélia e seus filhotes.

Retomando a leitura dos livros estudados, ainda que sabendo que é possível atribuição de outros sentidos, conforme as considerações de Orlandi (2001) que ressalta que o sentido do texto resulta da relação entre o interlocutor e o social, é possível destacar que, em cada um deles, a linguagem assume as características da linguagem literária, pois, conforme Proença Filho (2007), representa as realidades físicas, sociais e emocionais que intervém através das palavras da língua para configurar um objeto estético, e que ela é fundamental na construção de aspectos da composição da história, no caso, o início e final, o ambiente e o personagem.

6. AS PALAVRAS, AS PALAVRINHAS, OS PALAVRÕES E A EDUCAÇÃO

Diante dos estudos realizados e discursados anteriormente, chegamos à grande questão que inquieta muita gente que lê o meu título. Qual é a contribuição desse estudo para o âmbito educacional? Tomarei como referência para este capítulo as concepções de Edgar Morin, muitas vezes dialogadas através de Nelly Novaes Coelho. Além disso, utilizarei as palavras de Palo e de Oliveira, para apresentar questões relevantes no que se refere ao papel da Pedagogia nesse estudo.

Seguido o pensamento do francês Edgar Morin, existe uma necessidade de mudança no pensamento através da educação e, para ele, a literatura poderia ser o ponto de eixo ideal para a nova estrutura de ensino. (COELHO, 2000, p. 13).

Coelho (2000, p. 13) considera que é a Literatura a que atua de maneira mais profunda e essencial para dar forma e divulgar os valores culturais que dinamizam uma sociedade ou uma civilização.

A literatura é a disciplina que tem sido apontada como o ponto de partida para os temas transversais propostos nos novos Parâmetros Curriculares. Sobre a literatura copio Coelho (2000, p. 24):

A Literatura é um mundo aberto ao mesmo tempo às múltiplas reflexões sobre a história do mundo, sobre as ciências naturais, sobre as ciências sociológicas, sobre a antropologia cultural, sobre os princípios éticos, sobre a política, economia, ecologia [...] Tudo depende de uma seleção inteligente das obras. [...] O objetivo maior das discussões sobre os novos caminhos da Educação não é a preparação dos programas de ensino, mas a separação daquilo que é considerado como saberes essenciais e evitar o empilhamento dos conhecimentos.

Essa nova proposta de ensino tem como objetivo evitar o acúmulo de informações que são transmitidas diariamente aos educandos, às vezes somente com um tipo de funcionamento da linguagem. O principal objetivo é que o indivíduo adquira cultura, não da forma acumulativa, mas, segundo Coelho (2000), sim organizá-lo em torno de um eixo de ideias, num determinado contexto que seja significativo para o sujeito. E, para tanto, Morin considera que a literatura pode ser um eixo organizador das unidades de estudo na escola.

A diversidade linguística, encontrada nos livros de literatura, pode ir muito além do que o escritor propõe, e é importante que o educador considere a subjetividade de cada aluno nesse processo, além de considerar o contexto histórico que ele está inserido. Desta forma, a literatura terá um significado a mais no que diz respeito à busca por formação de novas mentalidades.

Para tanto, tem se pensado em um novo modelo de ensino nas escolas, devido a tanta diversificação de pensamentos que a literatura e as demais ciências podem oferecer. Edgar Morin (2002) propõe:

Uma educação transdisciplinar que é o mecanismo de ruptura com as linhas fronteiriças das disciplinas, sendo a forma mais adequada para que a humanidade atual possa conseguir solucionar os problemas pós-modernos os quais se apresentam no mundo contemporâneo (MORIN, 2002, p. 102)

A educação transdisciplinar surgiu como uma necessidade de compreender as mais diversas dimensões e os variados aspectos dentro da escola. A educação tecnicista e científica do século XIX valorizava a especialização como um único caminho para o progresso. Para tanto afirma Morin (1995):

As crianças aprendem a história, a geografia e a física dentro de categorias isoladas, sem saber, ao mesmo tempo, que a história sempre se situa dentro do espaço geográfico e que cada paisagem geográfica é fruto de uma história terrestre, sem saber que a química e a microfísica têm o mesmo objeto, porém em escalas diferentes. As crianças aprendem a conhecer os objetos isolando-os, quando seria preciso, também, recolocá-los em seu meio ambiente para melhor conhecê-lo, sabendo que todo o ser vivo só pode ser conhecido na sua relação com o meio que o cerca, onde vai buscar energia e organização (MORIN, 1995, p. 1-2)

A perspectiva da educação transdisciplinar é, não somente, mas também se modificar o currículo fragmentado que é visto nas escolas. Além disso, Morin acredita que a capacidade de aprender está relacionada ao desenvolvimento de competências inatas do sujeito em adquirir conhecimento, associadas às influências e estímulos externos da cultura. E afirma:

O desenvolvimento das competências inatas anda a par do desenvolvimento das aptidões para adquirir, memorizar e tratar o conhecimento. É, pois, esse movimento espiral que nos permite compreender a possibilidade de aprender. Aprender não é apenas reconhecer o que, de maneira virtual, já era conhecido. Não é apenas transformar o desconhecido em conhecimento. É a conjugação do reconhecimento e da descoberta. Aprender comporta a união do conhecido e do desconhecido. (MORIN, 1995, p. 61)

Visto a importância da Literatura para mudança de pensamento na educação, a Pedagogia assume um importante valor dentro do processo do uso de livros literários. Como coloca Palo e Oliveira (2007), a Pedagogia entra:

[...] como meio de adequar o literário às fases do raciocínio infantil, e o livro como um produto através do qual os valores sociais passam a ser veiculados, de modo a criar para a mente da criança hábitos associativos que aproximam as situações imaginárias vividas na ficção a conceitos, comportamentos e crenças desejadas na vida prática, com base na verossimilhança que os vincula. (PALO E OLIVEIRA, 2007, p. 6-7)

Atrelado à disponibilidade do acervo, o pedagogo assume outras importantes funções relacionadas ao uso do livro infantil. Ao trabalhar com a literatura, o professor terá como trabalhar a linguagem, através do uso da palavra e das imagens, e, assim atuar sobre as mentes dos alunos, com o objetivo de formar cidadãos mais críticos e conscientes da realidade.

Nessa monografia, os três livros de Ana Maria Machado foram utilizados para ilustrar a gama de possibilidades de questões sociais, culturais, histórias e raciais que pode ser trabalhada através da literatura pelos professores. A obra de Ana Maia é marcada por questões da realidade que se fundem com o imaginário possibilitando uma grande exploração do que é escrito pela autora. As suas palavras, as suas palavrinhas revelam isso e apontam que literatura é o palavrão indispensável na educação de crianças.

A literatura infantil engloba atribuição de outros sentidos na sala de aula, pelos professores e, por consequência, pelos alunos. Assim como partiu de futuras professoras o interesse em descobrir a literatura através da palavra, da imagem e da linguagem, as crianças esperam com ansiedade essa proposta, conforme Beltrão (2003, p. 175):

- Ança, ança, ança, respeito à criança! Ança, ança, ança, respeito à criança! – Clamavam todos.

- Isso! Respeito à criança! E como os tempos são outros, acredito que as crianças, ou por si mesmas, ou pela ajuda de professores, darão à literatura um outro sentido. Compreenderão que a literatura é um exercício de liberdade, da crítica, da expressão original. Que a literatura seja para toda e qualquer criança a fusão do divertir com o construir; do divertir com o aprender a aprender, com boas doses de rebeldia, de reação sadia à palavra do escritor.

- Dade, dade, dade, literatura é liberdade! Dade, dade, dade, literatura é liberdade!

7. EI, PALAVRA! NÃO VÁ EMBORA! VOLTE PRO POEMA

Pedir para as palavras não irem embora ressalta a ideia de que o tema não se encerrou. Acredito que o meu estudo não se esgotou nessa monografia, aliás, não se esgotará jamais. Entretanto, este é início de muitos outros estudos. Eu pauso aqui, mas, com a certeza de que a missão ainda não está cumprida. As palavras me aguardam guardadas, por enquanto, como a palavra neutra ou a palavra do outro, mas se tornarão minhas palavras.

Com a análise teórica que aqui foi abordada, podemos perceber que, através do estudo da palavra, um texto pode assumir diferentes sentidos. Esses, por sua vez, serão estabelecidos através de muitos fatores, que podem ser de caráter social, histórico e, principalmente, o pessoal. A constituição da linguagem acontece a partir da interação desses conteúdos vivenciais e ideológicos.

No estudo da semântica podemos completar a ideia bakhtiniana sobre a palavra, considerando também que fatores do contexto histórico juntos às questões de ordem pessoais, como a inteligência e a vontade, que estabelecem a linguagem. A linguagem, para Bréal, se desenvolve por ser um elemento de civilização. Isso é explicado a partir da afirmação de que o contexto histórico é relevante na produção da linguagem.

A palavra, a semântica, como ciência que estuda as significações, e linguagem, se completam para o estudo da linguagem na Literatura, objeto de arte utilizado para ilustrar na prática as possibilidades de sentidos em um livro infantil, aqui representado pelas três obras de Ana Maria Machado.

As obras de Ana Maria selecionadas, Camilão, o comilão, Beto, o carneiro e Dorotéia, a centopéias, foram compreendidas no âmbito da semântica, buscando atribuições de sentidos que mostrassem os assuntos implícitos e explícitos no texto. Embora tenha realizado essa compreensão, fica claro, diante da proposta de uma leitura polissêmica que não é a única possibilidade de entendimento das três obras.

A compreensão das obras mostra a preocupação da autora em tratar sobre assuntos da realidade vivida pelo povo brasileiro. Além disso, há uma intenção de Ana Maria em levar o seu leitor a questionar essas situações que apesar de fazer

parte de uma realidade, muitas vezes não são vistas. Como coloca Benevides (2004):

[...] considerando as análises de alguns dos principais estudiosos da obra de Ana Maria Machado, mas frisando a dificuldade de classificá-la por algum par de características- a partir dos temas, das estruturas narrativas e até mesmo da linguagem empregada em cada título -, cabe pensar que a autora tem uma notada propensão a levar seus leitores ao questionamento. (BENEVIDES, 2004, p. 93)

Ana Maria faz considerações importantes sobre a leitura, que reitera a proposta de uma compreensão que considere outras atribuições de sentido pelos mais diversos leitores. Copio de Ramos (2006) em diálogo com as idéias de Machado (2004):

[...] ao ser lido, um livro deixa de ser apenas do autor que o escreveu e passa a ser também propriedade do leitor, é apropriado por quem o lê, começa a fazer parte do imaginário de outra pessoa, de sua memória, de sua bagagem cultural pessoal. Ao serem publicados (dados ao público) e lidos, os livros deixam de pertencer exclusivamente ao autor e são reapropriados pelos outros. (MACHADO, 2004 apud RAMOS, 2006 p. 127)

Tomando as palavras para falar das três obras de Ana Maria que foram compreendidas, fica explícita a preocupação da autora em tratar sobre assuntos que fazem parte do cotidiano. Em *Camilão, o comilão* percebe-se na narrativa a solidariedade que parte do Camilo para os demais amigos e vice-versa, embora se pense, no decorrer da história que a intenção do leitão era juntar comidas para se esbaldar, o que discute as falsas aparências que nós podemos ter das outras pessoas sem conhecê-las direito. Em *Dorotéia, a centopéia*, a solidariedade também é discutida, pois ela precisou da ajuda dos amigos para resolver o problema com seus sapatos. E em *Beto, o carneiro* o tema tratado foi sobre as diferenças raciais.

Outras questões também foram levadas em consideração, como a produção de sentido na narrativa de *Dorotéia*, que permite um estímulo do imaginário da criança, além da preocupação da autora, em *Camilão, o comilão* em entreter o leitor. Considerando o imaginário infantil na produção de leitura, elas podem representar

criar, imaginar o quanto desejarem, pois a autora não limita as suas metáforas e hipérboles ao criar e recriar os ambientes e os personagens.

A literatura infantil, exemplificada pelas três obras de Ana Maria, é nessa perspectiva uma proposta que surge como mudança de mentalidades, tanto para os alunos quanto para professores. Mudança de mentalidades do ser humano.

A proposta que surge é para o uso do literatura como eixo principal para a mudança do sistema educacional. Acredita-se que a literatura agrega as mais diversas áreas de conhecimento, e dessa forma, pode-se ensinar e aprender numa perspectiva transdisciplinar.

O estudo monográfico pretende, a partir dos conceitos apresentados e da compreensão das obras literárias, mostrar aos professores e futuros professores a viabilidade de utilizar a literatura de forma mais pluralista, considerando a grande diversidade dos sentidos que um texto pode assumir.

Da experiência pessoal, sem dúvidas, reporto-me à minha vida profissional para pensar minha práxis como educadora, pois percebo a importância da literatura para a formação do educando e do educador. Para formação no educador, pois ele precisa utilizar e conhecer mais a literatura, digo isso por conta da realidade vista na Faculdade de Educação, que muitos educadores não conseguem perceber a importância da literatura e, muito menos, conhecer livros de literatura.

Trabalhar com a literatura, agora é ter um olhar mais crítico. A literatura infantil é arte [...] fenômeno de criatividade que se vincula ao mundo, ao homem, à vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/ impossível realização. (BELTRÃO, 2003, p. 171).

Nesse sentido, as obras de Ana Maria Machado foram imprescindíveis para que eu percebesse as tantas possibilidades de estudar, de preparar aulas, de viver na e com a literatura. A partir de agora, ao estudar as narrativas, valorizarei mais os múltiplos sentidos do texto, ciente de que a leitura não é finalizada com as minhas palavras, e que os alunos podem atribuir sentidos diferentes, e, desta forma, eles vão viver a literatura em sua pluralidade de linguagens, sentidos, imagens...

E, então, não vá embora palavra, volte...

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. **O livro das palavras**. Belo Horizonte - MG: Formato Editorial, 1993.

BASTOS, D. (Org.) **Ana & Ruth: vinte e cinco anos de literatura**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

BAKHTIN, Mikail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: fontes, 1997

_____, **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____, _____; tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. – 12.ed.- São Paulo: Hucitec, 2006

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1972.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. . Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In.: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos- chave**. São Paulo: Contexto, 2005

BRAIT, Beth. Bakhtin e a Natureza Constitutivamente Dialógica da Linguagem. In.: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2005

BRÉAL, Michel. **Ensaio de semântica: ciência das significações/ Michel Bréal; trad. Aída Ferrás...et al** – São Paulo: EDUC, 1992.

BELTRÃO, Lícia Maria Freire. **Por que ler Ana Maria Machado**. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced/article/view/2725/1931>. Acesso em: 25 ago. 2009.

_____. **Texturas: sobre Ana Maria Machado e sua obra. Presente!** Revista de Educação/ Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica. CEAP, Salvador, v. 48, p.45-49, 25 maio 2005.

_____. **Estratégias de produção textual : um exercício polifônico. Caderno de Letras: Revista do Departamento de Letras Anglo-Germânicas**. Rio de Janeiro, UFRJ, v. 20, p. 163-177, 2003.

CÂMARA J., J. Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática referente à língua portuguesa.** Rio de Janeiro: J. Ozon, 1964.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure.** 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CEREJA, William. Significação e tema. In.: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira.** São Paulo: Quíron, 1984.

_____. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **Literatura:** arte, conhecimento e vida. São Paulo: Peirópolis, 2000. (Série nova consciência)

COSTA, Regina. **Uma palavra... tantas palavras.** São Paulo: Paulinas, 1998. Coleção: Fazendo Histórias.

DIAS, Luis Francisco. Significação e Forma Linguística na Visão de Bakhtin. In.: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido.** Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2005

FALCÃO, Adriana. **O doido da garrafa.** São Paulo: Planeta, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

GUIRAUD, Pierre. **A semântica.** 3.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e linguagem:** Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. Campinas, SP: Papirus, 1994.

LAJOLO, Marisa. **Literatura:** leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001

MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente** - conversas sobre leitura e política. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Esta força estranha:** Trajetória de uma autora. São Paulo: Atual, 1996.

_____. **Texturas:** sobre leitura e escritos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. **Camilão, o comilão.** São Paulo: Moderna, 2006. (Coleção Batutinha).

_____. **Dorotéia, a centopeia.** São Paulo: Moderna, 2007. (Coleção Batutinha).

_____. **Beto, o carneiro.** São Paulo: Moderna, 2006. (Coleção Batutinha).

_____, **Ilhas no tempo, algumas leituras.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

_____, **Palavras, palavrinhas e palavrões.** Rio de Janeiro: FTD, 1998.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MORIN, E. Apud: PETRÁGLIA, I. C. **A educação e a complexidade do ser e do saber.** Petrópolis: Vozes, 1995.

MORIN, Edgar. **Educação e Complexidade:** os sete saberes e outros ensaios. Edgar Morin, Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho – tradução, (Orgs.). – São Paulo: Cortez, 2002. 102p.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. **Relevância e compreensão na literatura infantil:** uma análise na interface semântica/ pragmática. 2009. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/id/45631342.html. Acesso em: 20 out. 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Mari Rosa D.. **Literatura Infantil:** Voz de criança. São Paulo: Ática, 2007. (Princípios).

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves; ANTUNES, Benedito (Org.). **Tranças de histórias:** a criação literária de Ana Maria Machado. São Paulo: Editora UNESP; Assis – SP: ANEP, 2004

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 2007. (Princípios; 49).

RAMOS, Anna Claudia. **Nos bastidores do imaginário: criação e literatura infantil e juvenil**. São Paulo: DCL, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Trad de A. Chelini , José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.

SILVA, Antônio Carlos da. **As teorias do signo e as significações lingüísticas**. Disponível em: <http://www.partes.com.br/ed39/teoriasignosreflexaoed39.htm>. Acesso em: 11 out. 2009.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In.: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005